

INTERVENÇÃO GRUPAL: UMA EXPERIÊNCIA COM ADOLESCENTES

BARBOSA, Adriele¹
GHANI, Eduardo¹
BARBOSA, Raphaela¹
NUNES, Samira¹
QUADROS, Andréia²
VISENTINI, Danielle²
AGUZZI, Dilce²

Resumo: Este presente estudo aborda algumas possibilidades de intervenções grupais com grupos operativos e terapêuticos em adolescentes do ensino médio, atendendo a resultados obtidos com estas práticas. No que se refere a aprendizagem, esses grupos podem ser utilizados para ajudar os adolescentes a compreender as mudanças em seus corpos no desenvolvimento psicossocial e na tomada de decisões para seus futuros, alcançar a autonomia familiar, fortalecendo as relações afetivas e até na maturidade sexual. A metodologia proposta é baseada nos princípios da psicologia grupal, por meio da análise das necessidades apresentadas pelo grupo e posterior intervenção buscando colaborar no processo terapêutico deste grupo. Os resultados evidenciaram que os grupos funcionaram como um espaço de problematização das experiências vivenciadas pelos participantes nos mais diversos grupos que frequentam, demonstrando que os encontros auxiliaram no enfrentamento dos dilemas trazidos nessa fase do desenvolvimento vivenciadas por todos os participantes, que é a adolescência.

Palavras-chave: adolescência, grupos operativos, grupos terapêuticos.

Abstract: This present study addresses some possibilities of group interventions with operative and therapeutic groups in high school teenagers, attending to the results obtained with these practices. With regards to learning, these groups can be used to help adolescents understand the changes in their bodies in psychosocial development and decision making for their futures, achieving family autonomy, strengthening affective relationships, and even in sexual maturity. The proposed methodology is based on the principles of group psychology, through the analysis of the needs presented by the group and subsequent intervention seeking to collaborate in the therapeutic process of this group. The results showed that the groups functioned as a space to problematize the experiences lived by the members in the most diverse groups they attend, demonstrating that the meetings helped them to face the dilemmas brought about by this phase of development experienced by all the participants, which is teen years.

Keywords: youth, operative groups, therapeutic groups.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A disciplina de Intervenção Prática em Psicologia I possui como um dos seus principais propósitos o contato com o estudo de forma mais ativa por meio de um estágio

¹ Discentes da Faculdade IDEAU- Bagé-RS- Curso de Psicologia – 3º Semestre.

² Docentes da Faculdade IDEAU- Bagé/RS- Curso de Psicologia.

supervisionado; desta forma, procura-se comparar as teorias discutidas em sala de aula com as adversidades do dia a dia da psicologia grupal. O desígnio desse estágio institui-se de um grupo terapêutico e um operativo elaborado por uma dupla de estudantes que tem como finalidade a análise, troca de experiências e conversas acerca da ansiedade e orientação profissional em adolescentes.

A criação do grupo surgiu através de debates realizados em aula e visitas em escolas no município de Bagé/RS, onde foram levantadas as demandas com a equipe diretiva para a discussão das práticas e organização dos encontros. Pressupõe-se que cada encontro seja um espaço de estudo conexo de compartilhamentos de experiências e vivências que colaborem no controle da ansiedade dos adolescentes e ajude em sua orientação profissional. Os coordenadores também apresentam a plasticidade para mudar o enfoque das conversas e ir conforme as instâncias emergentes do grupo.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Adolescência

A adolescência se inicia em um período de mudanças físicas e psicossociais, segundo a OMS (organização mundial da saúde) (1965) e o IBGE (instituto brasileiro de geografia e estatística) (2007), essa fase é tratada como a segunda década da vida entre os 10 (dez) e 20 (vinte) anos de idade. Já para o estatuto da criança e do adolescente (ECA) esse período se inicia nos 12 (doze) anos de idade até os 18 (dezoito) anos. A adolescência é uma época de grandes transformações, as quais repercutem não só no indivíduo, mas em sua família, comunidade e no ciclo social envolvido.

De acordo com Kalina e Laufer (1974) a adolescência é entendida como o segundo salto para a vida: o salto em direção a si mesmo, como a individualidade. Essa fase da vida também ocorre a puberdade, esse fenômeno compreende e refere-se às mudanças corporais e hormonais. É importante ressaltar também que essas mudanças segundo Melvin e Wolkmar (1993) tem suas especificações para as meninas podendo começar aos 10 (dez) anos e para os meninos aos 12 (doze) anos, cada qual com seus diferenciais.

¹ Discentes da Faculdade IDEAU- Bagé-RS- Curso de Psicologia – 3º Semestre.

² Docentes da Faculdade IDEAU- Bagé/RS- Curso de Psicologia.

Considera a difusão de identidade como o início do processo de construção da identidade ou a resultante negativa no desenvolvimento. Isto acontece quando o indivíduo tem dificuldades em aprender sobre si mesmo e seu entorno, não conseguindo construir uma identidade que seja realista em consonância com suas características pessoais e de seu contexto sociocultural. A adolescência é um estágio do ciclo de vida no qual o indivíduo passa por transições que acarretam grandes mudanças em sua vida. É nessa fase que o jovem se depara com uma série de escolhas que definirão o seu futuro, dentre elas a escolha profissional. A problemática da adolescência foi estudada a fundo por Erikson (1972). De acordo com este autor, é neste período que se organiza a construção da identidade do eu, sendo esta a base do desenvolvimento do indivíduo (SANTOS, 2005).

Este período é repleto de descobertas, de contato com o novo e com o desconhecido. Nesse processo os adolescentes vivenciam a crise de transição da infância para o mundo adulto, sendo, muitas vezes, a entrada no mundo profissional um marcador dessa mudança. Esta crise é vivida como um momento de tensão caracterizada pela desestruturação e uma reestruturação da identidade, permeada pelos conflitos e instabilidades a ela pertinentes, como também pelos imperativos sociais que compõem os processos de construção da subjetividade (TEIXEIRA e HASHIMOTO, 2005).

Com a abertura do adolescente para o mundo externo, o pertencimento ao grupo de pares se torna fundamental. Os membros do grupo ganham importância como modelos de identificação, com a adoção de formas de falar, estilos de se vestir e interesses comuns. A convivência com os outros adolescentes promove o desenvolvimento da empatia, da capacidade de ver o mundo por diferentes perspectivas, e de recursos para o gerenciamento das relações interpessoais. No grupo são ensaiadas as habilidades necessárias para a vida social.

2.1.1 Ansiedade

De acordo com a OMS (Organização Mundial da Saúde, 1992) a ansiedade é um sentimento vago e desagradável de medo, apreensão, caracterizado por tensão ou desconforto derivado de antecipação de perigo, de algo desconhecido ou estranho. A ansiedade é um transtorno mental que possui como características: fobias, transtorno de ansiedade generalizada, síndrome do pânico, transtorno de ansiedade social, transtorno obsessivo-compulsivo e estresse pós-traumático. De acordo com o autor, são sintomas gerais de ansiedade, perturbações no sono e no apetite, sentimento de culpa, autoestima baixa e baixa concentração.

¹ Discentes da Faculdade IDEAU- Bagé-RS- Curso de Psicologia – 3º Semestre.

² Docentes da Faculdade IDEAU- Bagé/RS- Curso de Psicologia.

A ansiedade é um sentimento livre e impertinente de apavoramento e preocupação, sendo conceituada por pensamentos inversos ou misturas de muitas informações, preocupações ou até mesmo precipitação de afazeres. Esta é vista em um cenário popular quando se está em um momento ou passando por alguma coisa em razão da excessiva excitação do sistema nervoso central, conseqüentemente a interpretação de uma situação de angústia, sendo o grande sintoma de característica psicológica (CASTILLO, 2000).

De acordo com Dalgalarondo:

As síndromes ansiosas representam os transtornos mentais mais frequentes e apresentam, mundo afora, prevalência na vida em torno de até 17 a 30% e, no último ano, em torno de até 11 a 18%. No Brasil, estudos epidemiológicos nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro revelaram pelo menos algum transtorno de ansiedade e/ou fobias, nos últimos 12 meses, em 18,8 a 20,8% da população e pelo menos uma vez na vida em 27,7 a 30,8% (DALGALARRONDO, pág. 365, 2019).

Para Castillo (2000), “A ansiedade e o medo passam a ser patológicos quando são exagerados, desproporcionais ao estímulo, ou, qualitativamente, diversos do que se observa como normal naquela faixa etária, interferindo na qualidade de vida”. Estes transtornos têm origem multifatorial e impossibilitam o indivíduo de desempenhar as atividades habituais com impacto direto nas relações intersubjetivas. A depressão e a ansiedade aparecem em crianças e adultos de todas as classes sociais e, isso quer dizer que não existe restrição de público.

A ansiedade e a depressão têm afetado inúmeros brasileiros sendo desencadeadas por problemas como: violência, desemprego, estresse cotidiano, o ingresso em universidades, pressão para estudar e trabalhar. Esses fatores provocam o aumento da ansiedade, tendo como consequência o risco cardíaco, levando o indivíduo a ficar deprimido. Como consequência, ele passa a fumar mais, beber mais e comer de maneira compulsiva (STOPPE, 2018).

Estes transtornos têm origem multifatorial e impossibilitam o indivíduo de desempenhar as atividades habituais com impacto direto nas relações intersubjetivas. A depressão e a ansiedade aparecem em crianças e adultos de todas as classes sociais e, isso quer dizer que não existe restrição de público (AQUINO, 2019).

¹ Discentes da Faculdade IDEAU- Bagé-RS- Curso de Psicologia – 3º Semestre.

² Docentes da Faculdade IDEAU- Bagé/RS- Curso de Psicologia.

A psicologia da emoção é rica de visões diferentes e opostas sobre a natureza e a função das emoções humanas. Todos os teóricos das emoções que aceitam a existência de emoções básicas, entretanto, consideram o medo uma delas (Öhman e Wiens, 2004). Como parte de nossa natureza emocional, o medo ocorre como uma resposta adaptativa saudável a uma ameaça ou perigo percebido à própria segurança e integridade física. Ele alerta os indivíduos de uma ameaça iminente e da necessidade de uma ação defensiva (BECK E GREENBERG, 1988; CRASKE, 2003). Contudo, o medo pode ser mal adaptativo quando ocorre em uma situação não ameaçadora ou neutra que é interpretada erroneamente como representando um perigo ou ameaça potencial. Portanto, duas questões são fundamentais a qualquer teoria da ansiedade: como diferenciar medo e ansiedade e como determinar o que é uma reação normal e uma reação anormal.

2.1.2 Ansiedade na adolescência

Geralmente na adolescência está ocorrendo mudanças fisiológicas, biológicas e cognitivas, como mudanças no corpo, na voz, maturação do cérebro, tudo isso leva o adolescente a ter novas ideias, percepções diferentes, tentar encontrar-se e se encaixar em novos grupos sociais. Ocorre também uma grande diferença nas relações familiares, e a curiosidade de experimentar coisas novas. Isso tudo pode vir a acarretar ansiedade nos adolescentes durante o seu desenvolvimento.

De acordo com May, Serra e Cols (2016), os jovens tendem a se sentir impotentes, o adolescente tende a catastrofizar muitas coisas, o que é particularmente normal, pois muitas vezes se sentem em território desconhecido e com isso ameaçados. Os autores constataram em sua pesquisa, que na adolescência os medos são mais direcionados para a solidão e rejeição, frequentemente relacionados ao seu futuro.

A adolescência envolve a despedida do corpo infantil e a ida para o corpo adulto, entram desafios novos variados, como a escolha profissional, relacionamentos afetivos, terminos de relacionamentos e a formação de identidade, tudo isso encaminhando para a vida adulta. Os dados da OMS (2013), relataram que o desenvolvimento humano inicia aos 10 anos até aos 19 anos de idade, e o estudo da criança e do adolescente já acredita que se dá início aos 12 até os 18 anos. Toda a mudança no ciclo de vida oferece oportunidades para avanços, mas também riscos. A adolescência não é diferente. Ela

¹ Discentes da Faculdade IDEAU- Bagé-RS- Curso de Psicologia – 3º Semestre.

² Docentes da Faculdade IDEAU- Bagé/RS- Curso de Psicologia.

oferece oportunidades para o crescimento em competência cognitiva e social, autonomia, autoestima e intimidade (PAPALIA, 2022).

May, Serra e Cols (2016) investigaram que em alunos de ensino médio é bem mais comum as meninas terem sintomas depressivos do que os meninos, pois não se sentem frequentemente apoiadas por seus familiares ou amigos, possuem também medo de serem rejeitadas por seus pares e entre outros.

Segundo Ribeiro, Nascimento e Coutinho (2010) nessa fase acontecem muitos momentos turbulentos e de instabilidade emocional, rebeldia, solidão, inquietações e sintomas depressivos, o que até certo ponto pode ser considerados normais no desenvolvimento humano, porém caso haja muita recorrência pode acarretar à várias patologias que vão além de uma simples ansiedade. Trazendo à tona o quanto o apoio psicológico é necessário nesse ciclo vital.

Papalia (2022) afirma que:

Adolescentes tendem a praticar certos tipos de comportamento. Eles se interessam e são mais influenciados por seus pares e relações sociais. Além disso, eles demonstram maior tendência à impulsividade e a comportamentos de risco e têm maior probabilidade de experimentar drogas e bebidas alcoólicas, propensão a comportamentos imprudentes e dificuldade de se concentrar em objetivos de longo prazo. Ainda assim, eles conseguem pensar de maneiras mais complexas e sofisticadas e conseguem imaginar futuros possíveis e realidades alternativas. O cérebro adolescente contribui para alguns desses comportamentos adolescentes característicos. Os adolescentes processam informação de forma diferente dos adultos. Para entender a imaturidade do cérebro do adolescente, precisamos examinar as mudanças na estrutura e na composição do cérebro (PAPALIA, p. 327, 2022).

2.2 Conceito de grupos

Conforme Zimerman (1997, pág. 27) “um conjunto de pessoas constitui um grupo, um conjunto de grupos constitui uma comunidade e um conjunto interativo das comunidades configura uma sociedade”. Uma das grandes importâncias da psicologia grupal vem do fato de que o ser humano tem grande parte de sua vivência interagindo e convivendo em diversos grupos. A concepção de um grupo possui designações muito abrangentes e indistintas, podendo ter diferentes interpretações e idealizações conforme o dado conceito. Para Fonseca (1988) grupos definem-se como:

¹ Discentes da Faculdade IDEAU- Bagé-RS- Curso de Psicologia – 3º Semestre.

² Docentes da Faculdade IDEAU- Bagé/RS- Curso de Psicologia.

“Grupos são no seu sentido mais geral, configurações sociais de mediação da relação entre indivíduo e a totalidade social a que ele se vincula; entre a universalidade da sociedade e a particularidade do indivíduo. São, pois, instâncias intermediárias que articulam a relação do indivíduo com a totalidade social, servindo como elementos de mediação. (FONSECA, 1988, p. 184). “

Segundo Pichon-Riviére, grupos definem-se como uma soma de pessoas que possuem semelhantes necessidades no cumprimento de uma tarefa. Para o êxito da tarefa, cada indivíduo do grupo, assume um papel com um objetivo em comum, entretanto cada qual com sua identidade (Grossi; Bordin, 1992).

De acordo com Zimerman (1997) “o ser humano é sociável por natureza e somente existe ou subsiste, em função de seus inter-relacionamentos grupais”. Uma vez que desde a sua origem, o ser humano é atribuído a diferentes participações em grupos e está em constante confronto entre a busca de uma identidade individual e a carência de uma identidade grupal e social.

Segundo Bordin (1992) há dois tipos de grupos, sendo a família o grupo primário e instituições, escolas, empregos e entre outros são considerados como grupos secundários. Cada indivíduo dentro de um grupo possui a sua identidade, função e modo de ser, cada integrante exprime a própria identidade por meio de seus atos, pensamentos e fala, fazendo uma contribuição para a gama de conhecimentos que constitui o grupo, definindo-o em sua multiplicidade.

Os grupos podem ser classificados em operativos e terapêuticos, em ambos os casos há necessidade de cumprimento de requisitos básicos, tais como: os integrantes estarem reunidos em torno de um objetivo ou tarefa; o tamanho do grupo não pode pôr em risco a comunicação entre os participantes que poderá se apresentar de múltiplas formas; o enquadre é de suma importância para normatizar e delimitar as atividades grupais; é inevitável no campo grupal fenômenos onde pairam fantasias, ansiedades e identificações; é indispensável respeitar a identidade que o grupo assumirá, sem desconsiderar as singularidades dos integrantes do grupo; atentar aos vínculos que poderão assumir múltiplas configurações; outro aspecto de extrema relevância a considerar no campo grupal é a função de “continente”, pois o indivíduo não subsiste psicologicamente sem que tenha uma acolhida e um reconhecimento das demais pessoas dos seus diversos grupos de convívio (ZIMERMAN, 2007).

¹ Discentes da Faculdade IDEAU- Bagé-RS- Curso de Psicologia – 3º Semestre.

² Docentes da Faculdade IDEAU- Bagé/RS- Curso de Psicologia.

Nesse estudo, o trabalho desenvolvido terá como foco a modalidade terapêutica, que visa abordar temas relativos à ansiedade vivenciada pelos adolescentes no contexto escolar.

2.2.1 Grupos terapêuticos

O grupo terapêutico age como um facilitador de trocas dialógicas, distribuindo experiências e integrando melhorias no modo de vida individual e coletivo. Conforme Cardoso e Seminotti (2006), o grupo faz-se um lugar de debates sobre a necessidade de ajuda de todos. No desenvolvimento de atividades, os integrantes efetuam perguntas sobre alternativas de apoio e suporte emocional.

Todavia, determinados integrantes vão apresentar dificuldades com a interação em relação ao grupo, por estarem diante de pessoas não familiarizadas; embora, considerem aceitável ouvir as experiências dos colegas e a possibilidade de aprendizagem a partir de tais relatos. Quando os integrantes possuem melhor entendimento da sua emocionalidade, sua autoimagem sofre uma alteração. Em vista disso obtêm uma melhor relação consigo e consequentemente com a sociedade.

A atuação do psicólogo em grupos terapêuticos é de suma importância de modo que, possibilita o crescimento psicossocial de seus integrantes, fortalece a criação de vínculos afetivos, reduz a dificuldade de relações interpessoais, assim, facilitando a vivacidade dos integrantes. Zimerman (2007), afirma que o mecanismo de ação terapêutica dos grupos de autoajuda decorre dos seguintes fatores:

Há um melhor entendimento e aceitação por parte dos integrantes do grupo quando este for homogêneo, pela razão de se utilizarem de uma mesma linguagem e partilharem as mesmas vivências. Isso costuma propiciar, a curto prazo, uma necessária adesão; possibilita que as pessoas doentes aceitem e assumam o seu problema, de forma menos conflituosa e humilhante; proporciona um maior envolvimento comunitário, interativo; possibilita novos modelos de identificação; representa um estímulo à socialização; comporta-se como um importante teste de confronto com a realidade; exerce uma função de continente, isto é, a de conter e absorver as angústias e dúvidas; propicia um estímulo às capacidades positivas (ZIMERMAN, 2007).

O mesmo autor ainda recomenda grupos com adolescentes, pois eles têm uma tendência natural para estarem reunidos em grupos, toleram melhor o enquadre grupal, o que favorece na estruturação do sentimento de identidade, individual e grupal. Sendo

¹ Discentes da Faculdade IDEAU- Bagé-RS- Curso de Psicologia – 3º Semestre.

² Docentes da Faculdade IDEAU- Bagé/RS- Curso de Psicologia.

assim, o grupo possibilita uma melhor elaboração e ressignificação das perdas e dos ganhos do desenvolvimento biopsicossocial que são comuns a todos os participantes.

2.2.2 Grupos Operativos

Os grupos operativos, segundo a definição dada por Pichon-Rivière (2005, p. 134), se diferenciam de outros tipos, pois possuem como finalidade a realização de tarefas, centradas na "mobilização de estruturas estereotipadas, nas dificuldades de aprendizagem e comunicação", ocasionadas por sentimentos de ansiedade e insegurança pelo abandono de referenciais conhecidos e assunção de novos. Trata-se de grupos focados na superação da resistência à mudança e à aprendizagem. O grupo operativo, portanto, tem como fundamento a concepção de aprendizagem como base de ação transformação da realidade.

O adolescente tem como um de seus problemas centrais a busca de sua identidade, na qual se inclui a identidade ocupacional. Essa busca, que deveria acompanhar o processo de transição e de desenvolvimento, torna-se mais conflituada em razão de problemas atuais e objetivos. O grande número de profissões existentes, as dificuldades de mercado de trabalho, a pressão e a expectativa familiares, as exigências do grupo de iguais colocam uma pedra no caminho de quem deve escolher (PICHON-RIVIÈRE, 2005)

O processo da orientação profissional acompanha essa evolução. Não é mais visto como auxílio na escolha de uma ocupação, mas como parte do processo de busca da identidade pessoal. Os objetivos básicos da orientação profissional, segundo Boholowsky (1983) são: escolha de uma atividade profissional; aprendizagem do processo decisório e a promoção da identidade profissional. Assessorar o jovem em suas reflexões para a colaboração de um projeto profissional pessoal inclui maior autoconhecimento, consciência da realidade ocupacional e das profissões para realizar uma escolha profissional, o mais livre possível, com uma visão pessoal responsável da sua escolha.

3 METODOLOGIA

Com base na disciplina de Intervenção Prática em Psicologia I, unindo a teoria e a prática, busca-se realizar um estágio na condução de um grupo terapêutico e outro operativo junto a alunos do 8º ano ao ensino médio na cidade de Bagé/RS, com o intuito

¹ Discentes da Faculdade IDEAU- Bagé-RS- Curso de Psicologia – 3º Semestre.

² Docentes da Faculdade IDEAU- Bagé/RS- Curso de Psicologia.

de averiguar a prática através das técnicas de dinâmicas grupais e relatar a experiência dessas técnicas. A metodologia proposta é baseada nos princípios da psicologia grupal, por meio da análise das necessidades apresentadas pelo grupo e posterior intervenção buscando colaborar no processo terapêutico deste grupo.

O primeiro grupo foi montado a partir de visitas em uma Escola Estadual do município de Bagé, RS por estudantes do terceiro semestre da faculdade IDEAU com finalidade de vivenciar a prática, foram discutidas as demandas dos locais de maneira que ocorra a formação de um grupo entre oito a vinte adolescentes do terceiro ano do ensino médio, tendo como seu principal objetivo trabalhar a questão de orientação profissional.

O segundo grupo proposto inicialmente seria também em outra Escola Estadual com alunos do Ensino Médio, mas apesar dos estagiários realizarem inúmeras tentativas de montar um grupo, não teve adesão por parte dos alunos e da equipe diretiva da escola. Então se buscou uma escola municipal para a realização do trabalho e a partir disso foi montado um grupo terapêutico entre sete a dezesseis adolescentes dos 8ºs e 9ºs anos possuindo como um dos seus objetivos o trabalho com a ansiedade, emoções e questões pertinentes a fase da adolescência.

Através da teoria trabalhada em sala de aula, foi possível aos estagiários conduzirem dinâmicas (conforme tabela 01) com os adolescentes, tendo como finalidade o trabalho de questões emergentes dentro do processo grupal. Cada atividade foi pensada e realizada de acordo com os objetivos do plano e as particularidades e necessidades dos participantes do grupo. Foram realizados oito encontros, perfazendo dezesseis horas de vivência prática com os adolescentes.

Tabela 01: Técnicas utilizadas:

TÉCNICAS	OBJETIVOS
DINÂMICAS DE QUEBRA GELO	Descontrair, preparando o grupo para as próximas ações.
DINÂMICAS DE APRESENTAÇÃO	Potencializar o conhecimento e o vínculo entre os participantes.

¹ Discentes da Faculdade IDEAU- Bagé-RS- Curso de Psicologia – 3º Semestre.

² Docentes da Faculdade IDEAU- Bagé/RS- Curso de Psicologia.

DINÂMICAS DE REFLEXÃO	Provocar insights a partir das atividades propostas.
DINÂMICAS DE RELAXAMENTO	Aliviar as tensões provocadas durante as atividades propostas.
DINÂMICAS DE AVALIAÇÃO	Avaliar as etapas vivenciadas durante o processo grupal.

Fonte: os autores, 2023.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Através dos encontros realizados com os participantes dos dois grupos: sendo o primeiro um grupo operativo voltado para orientação profissional e o segundo um grupo terapêutico voltado para o trabalho com a ansiedade, foi possível observar os seguintes fenômenos.

Inicialmente nos primeiros encontros com os grupos, ocorreu o estabelecimento do enquadre/setting com a finalidade de assentar as regras e normas do grupo, bem como os dias e horários que as sessões ocorreram. Também foi feito um levantamento de temas de interesse dos adolescentes para serem trabalhados. Conforme Zimmerman o enquadre é uma importante recomendação técnica que visa a preservação do grupo (ZIMMERMAN, 1997, pág. 35).

Outro fenômeno observado nos grupos, mesmo sendo há pouco tempo formados, foi a capacidade de pertencimento e um bom vínculo pois trouxeram temas relacionados à vida pessoal, bem como seus medos e angústias. Para Zimmerman (1997), esse fenômeno se caracteriza pela ressonância, quando algo que é trazido por um participante ressoa nos demais, transmitindo um significado afetivo que passa a ser correspondido no setting grupal.

A significativa melhora na interação de ambos os grupos, decorre das atividades, vivências e dinâmicas aplicadas a eles, que possuem o objetivo de potencializar o vínculo para que todos se sintam partícipes do grupo. Como retrata a fala do participante B ao se referir ao grupo “*Gosto de ficar no grupo e não tenho vontade de ir pra casa*”. Para Zimmerman (1997), o vínculo são elos de ligação do indivíduo com seu mundo exterior real, diz respeito às diversas formas de como um indivíduo se relaciona com as demais pessoas. Corroborando com o autor Pichon-Rivière (2009) afirma que um grupo somente ocorre a partir do vínculo.

¹ Discentes da Faculdade IDEAU- Bagé-RS- Curso de Psicologia – 3º Semestre.

² Docentes da Faculdade IDEAU- Bagé/RS- Curso de Psicologia.

Outro fenômeno que é bastante estimulado pelos coordenadores do grupo são as trocas de papéis, já que se observa que geralmente são as mesmas pessoas que ocupam papel de porta-voz e de silenciosos. É dever do coordenador atentar para a ocorrência da estereotipia de papéis, exercida sempre pelas mesmas pessoas (ZIMMERMAN, 1997 pág. 39).

Zimmerman (1997) afirma que, um dos atributos indispensáveis para coordenar um grupo é a capacidade de continência, expressada pela capacidade de conter as fortes emoções angústias e ansiedades que podem emergir dentro do campo grupal. Nesse sentido foi possível observar em ambos os grupos que os adolescentes conseguiram expressar seus sentimentos aos coordenadores e ao grupo, reafirmando a capacidade de continência do grupo.

É importante destacar também que durante as sessões grupais os adolescentes trouxeram muitos temas conflitantes relacionados à fase em que estão vivenciando, mostrando-se predispostos a trazer esses conteúdos emocionais para o campo grupal. Como por exemplo o participante A retratou na seguinte fala: *“Me sinto seguro para trazer assuntos que não falo para os outros ou em casa para falar aqui”*. Para Zimerman (1997) todos esses conteúdos se bem trabalhados pelo terapeuta podem trazer benefícios para que o grupo tenha insights coletivos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desse plano de estágio, propõe-se estabelecer os preceitos fundamentais dos processos grupais junto aos estudos feitos durante todo o desenrolar do curso. A condução dos grupos foi de grande importância pois permitiu aos estagiários relacionar as teorias estudadas com os desafios do cotidiano na condução de um grupo.

A partir das dinâmicas realizadas e dos diálogos estabelecidos foi possível acompanhar a relevância de um grupo terapêutico e um grupo operativo. Pois de acordo com Zimerman (2000) ambos os grupos proporcionam uma ação terapêutica.

¹ Discentes da Faculdade IDEAU- Bagé-RS- Curso de Psicologia – 3º Semestre.

² Docentes da Faculdade IDEAU- Bagé/RS- Curso de Psicologia.

Percebe-se que os grupos funcionaram como um espaço de problematização das experiências vivenciadas pelos participantes nos mais diversos grupos que frequentam, demonstrando que os encontros auxiliaram no enfrentamento dos dilemas trazidos nessa fase do desenvolvimento. Foi possível constatar que as reflexões realizadas contribuíram para a ampliação das visões dos participantes em relação a novas perspectivas dos conteúdos trazidos por eles, o que proporcionou maior interação e participação no campo grupal.

É importante salientar que a abertura das equipes diretivas dentro dos espaços escolares de maneira a acolher a intervenção grupal, reconhecendo a importância desse tipo de trabalho, inclusive no aprendizado dos alunos. Reafirmado na fala da diretora de uma das escolas: "*Os pais disseram que estão percebendo melhora no comportamento dos filhos*". A experiência na condução dos grupos ampliou as habilidades e conhecimentos dos estagiários no manejo adequado na condução do grupo.

6 REFERÊNCIAS

ABERASTURY, AKNOBEL, M., FERRER, E. S. L., GOLDSTEIN, R. Z., JARAST, S. G., KALINA, E., PAZ, L. R., & ROLLA, E. H. (1980). *Adolescência* Porto Alegre: Artes Médicas.

CASTILLO. Ana Regina GL; Recondo. Rogéria; Asbahr. Fernando R; Manfro. Gisele G; Transtornos de ansiedade. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/dz9nS7gtB9pZFY6rkh48CLt/?lang=pt>

MAY, Serra e cols, Germain e Mascotte. Transtornos mentais em adolescentes, jovens e adultos do Consórcio de Cortes de Nascimento brasileiras RPS (Ribeirão Preto, Pelotas e São Luís). Disponível em: <https://scielosp.org/article/csp/2020.v36n2/e00154319/>

ZIMERMAN, David, Osorio, Luiz. Como trabalhamos com grupos. 1997.

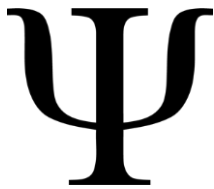
ZIMERMAN, David E. Fundamentos básicos das grupoterapias 2. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2007

TEIXEIRA, M. A. R. P. & Hashimoto, F. (2005). Família e escolha profissional: a questão espacial, temporal e o significado dos nomes. *Pulsional Revista de Psicanálise*, 18 (182), 63-73.

DALGALARRONDO, Paulo. Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais [recurso eletrônico] / Paulo Dalgallarrondo. – 3. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2019.

¹ Discentes da Faculdade IDEAU- Bagé-RS- Curso de Psicologia – 3º Semestre.

² Docentes da Faculdade IDEAU- Bagé/RS- Curso de Psicologia.



INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO
EDUCACIONAL DE BAGÉ
FACULDADE IDEAU DE BAGÉ



PAPALIA,, Diane, E. e Gabriela Martorelli. *Desenvolvimento humano*. Disponível em: Minha Biblioteca, (14th edição). Grupo A, 2022. [1]

DAVID A. Clark; Aaron T. Beck. Terapia cognitiva para os transtornos de ansiedade. 2011.

GROSSI, E. P; BORDIN, J. A paixão de aprender. Petrópolis: Vozes, 1992. p.59-68.

2011. Scielo-BRASIL (2001). Rev. Psicol. saúde e debate. 2022

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). CID-10 ¾ Classificação Internacional de Doenças, décima versão. Genebra: Organização Mundial da Saúde; 1992.

FONSECA, A. Grupo, fugacidade, ritmo e forma: processo de grupo e facilitação na Psicologia humanista. São Paulo: Ágora, 1988. p.175-186.

CARDOSO, C. e SEMINOTTI, N. O grupo psicoterapêutico no CAPS. Ciência e saúde coletiva. Rio de Janeiro, volume 11, número 3, p. 775-783. julho/setembro de 2006.

RIBERO, Nascimento; Coutinho Disponível em:
<https://scielosp.org/article/csp/2020.v36n2/e00154319/>

World Health Organization. Investing in mental health: evidence for action. Geneva: World Health Organization; 2013.

¹ Discentes da Faculdade IDEAU- Bagé-RS- Curso de Psicologia – 3º Semestre.

² Docentes da Faculdade IDEAU- Bagé/RS- Curso de Psicologia.